Vicente Silvino em missão de Floro nos Inhamuss

ANTÔNIO GOMES DE FREITAS

No começo do século XVIII, provindos de vários pontos do país, homens intrépidos, sanhudos e decididos, afeitos na lida com o gentio e domadores do meio hostil das caatingas, encontraram nos Inhamuns **habitat** propício, onde se fixaram e constituiram família, algumas vêzes, com as nossas avós aborigenes.

Aparentados todos, ou quase todos, da raça cruzada, como de resto acontece pelo Brasil afora. Raça sem mescla é difícil encontrar-se" (Des. Xavier Paes Barreto). Remotamente ligados à família mais importante de Pernambuco, descendentes da Felipa ou da India Muyra Oby (Arco Verde), mulheres de Jerônimo, o Adão do Nordeste, que era neto em 5.º gráu, de João Afonso Albuquerque e de sua amante Maria Rodrigues Barba, formavam os ALBUQUERQUE, espalhados por todo o Nordeste.

Não há motivos paar estranhesas. Até os orgulhosos paulistas quatrocentões, descendem de degredados e serigaitas, assegura-nos o sociólogo Kleber Santos. Mas isso não importa, o que realmente importa é saber e poder dizer que dessa fonte "promanam famílias dignas e prestantes" (Lemos Brito). O General CARLOS STUDART FILHO tem interessante estudo sobre os bastardos da Casa Real de Bragança, de Portugal.

Já com uma genealogia que lhes trazia ares de importância, razão que os ensoberbecia e insuflava-lhes prestígio, os que seguiram o estuário do Jaguaribe e foram ter às suas cabeceiras, alguns, lavradores dos canaviais, outros, na sua quase totalidade, eram homens dedicados às lides do criatório, acompanhantes do boi e povoadores de sertão. Desses bandeirantes provieram figuras ilustres nas armas e nas letras.

A história dos Inhamuns, não poderemos narrá-la, com a omissão das lutas encarniçadas dos pioneiros com os **Tarairiús,** nos primórdios; e daqueles conquistadores, entre si, depois. A agitação era um imperativo do meio. Lutando com o indígena para assenho-

rear-se da terra, contra os elementos para vencer a natureza. A agressividade estava na massa do sangue do povoador, que também entre si lutava pelo irresistível fascínio do poder.

E, assim, para não fugir à história das dominações, o povoamento da minha terra tem raízes no estrangulamento dos menos favorecidos pela fortuna. Que o digam as cruzes dos caminhos, testemunhas respeitáveis do ribombar de bacamartes, da lâmina afiada da **faca da mina**, e do estalido moderno do pau-de-fôgo 44.

A Princeza dos Inhamuns, serviu de palco a um desses entreveros danados, que, pela brutalidade da cena, gravada na minha retina de menino, nunca me saiu da memória.

O quinze chegou carrancudo. O sol abrasava o campo e o temor à seca comunicava aos corações, através da prece fervorosa, uma maior onda de piedade cristã. Dentro das vetustas paredes que sustentam uma cúpula de pedra em cunha, em forma cilíndrica, a igreja construída em 1762, pelo Sargento-mór José Rodrigues de Matos (um dos povoadores), abrigava-se o povo nas tardes poeirentas e desenganadoras de inverno. Regurgitava de gente o templo de Tauá. Até os homens arredios do culto religioso, ali estavam contritos, entre as mulheres cobertas com ricas mantilhas ou pobres véus de filó, rezando o responso de Santo Antônio.

Henrique Dias, irrequieto e infatigável, era ajudado pela população no trabalho de fincar longas hastes de croatá-açu, no solo, em cujo topo drapejavam bandeiras multicores, com endereco certo ao Mártir Santo, que tem a sua festa no dia 20 de Janeiro. Assim, as ruas da cidade se engalanavam, antes de uma homenagem, numa súplica ao centurião romano a quem se atribui os poderes de extermínio das calamidades.

Um inverno escasso em 1914 e a sedição de Juazeiro como agravante, por cima de tudo. Um, trouxe a outra as consequências do abandono de atividades dos fazendeiros, pela fuga. As reservas que hoje abastecem as mangas das fazendas, não eram conhecidas naquele ano. Os legumes e cereais escasseavam nos paióis dos mais prevenidos. Entre os imprevidentes era grande a penúria. E o espetro da fome trazia o pânico a todos. Numa onda de medo, corriam as histórias do 77. Eram velhos temores de uma catástrofe nova. Tudo prenunciava tempos ruins.

Foi esse cenário que o Deputado Pe. Máximo Feitosa, vindo de Fortaleza (a Assembléia entrara em recesso), para gozo de férias parlamentares, viu desenhado no Tauá que tanto amava. O Padre era um homem de bem a toda prova, leal, honesto e portador de grande espírito público. Amigo dos seus amigos, era mais ainda de sua Terra, cuja situação lhe comunicava impressão dolorosa. Ao governo transmitiu apelo dramático e, com o povo, sem qualquer

meios de amparo, assistiu como guia espiritual de serena reflexão, infundindo-lhe ânimo forte para enfrentar os reveses da natureza, predispondo-lhe para as agruras da seca.

Como era natural, não podia faltar ao Pe. Feitosa, a idéia de uma missa que já lhe pediam as damas da terra, em sufrágio das almas do purgatório. Era uma prece ardente que se dirigia da terra aos que já nos deixaram, para nos valer em situações aflitíssimas. Foram encarregadas dos adornos da Igreja, e dos convites ao povo, Da. Freitinhas (esta, minha irmã), e a mim, na ausência do sacristão, foi cometida a tarefa de subir ao coro e puxar o sino, cujo dobrar, mais plangente que sonoro, encontrava eco naquela manhã de raios de sol limpidíssimo, lá para as bandas do velho rochedo do Quinamuiú, que acabava de receber, como resposta falaz à súplica iminente, envolvendo-o em branco véu, um halo de neblina, muito pálida e esgarçada que não escondia os albores da alvorada, mas que fazia nascer nos corações sequiosos de inverno uma alegria desmedida e festiva.

*

Já havia feito badalar o sino para a primeira chamada. Ainda sentado na soleira da janela, que no sótão da Igreja abriga os sinos, os meus olhos depararam no vertice da atual praça dos correios, meia duzia de homens disparando armas, cujo estampido, seguido de gritos de guerra, aguçava a curiosidade de todos.

Não foi de susto a minha primeira impressão. Ocorreu-me tratar-se da rapaziada folgazã, em regozijo com quase instantânea mudança de tempo. A mim, que nunca em outras ocasiões vira ataques de cangaceiros, não podia prever, sobretudo numa época de absoluto repouso das frações políticas, e numa região em que o banditismo, pràticamente não existia, uma sortida de malfeitores a mão armada.

O meu espanto se deu quando observei o corre-corre e o bater violentíssimo de portas. Seguidamente, aos meus ouvidos chegavam os gritos da população aflita: "cangaceiros". Sim cangaceiros invadiam a vila. Um bando bem armado, e bem municiado, não numeroso, mas bastante forte era autor dos disparos que talvez o sentinela postado no melhor ponto de observação da vila, fui o primeiro a ouvir e ver. A rapaziada naquele momento, é possível que, espavorida, nem sequer tenha visto a neblina do Quinamuiú.

Eram cangaceiros de verdade que, pela atuação de franco domínio se esquivando ao saque, traziam um objetivo certo: o assassínio do Deputado coronel Lourenço Feitosa. E tinham como seu chefe Vicente Silvino, dos famosos Silvinos oriundos de Pernambuco, muitos anos residente em Tauá, sempre tido como capanga dos

coronéis mas entrosado no comércio de carne, açougueiro que, pelo mister, conhecia todas as fazendas e privava da confiança dos fazendeiros. Desertara da terra, um ano antes, e, agora, ali estava para afrontá-la, e roubar a vida de um de seus ilustres filhos.

Os cangaceiros, quando efetuaram os primeiros disparos, já haviam passado a zona do comércio, indiferentes aos estabelecimentos que, àquela hora, eram presa fácil e objeto dos menos arriscados ao saque. Eles que não queriam a mercadoria buscavam sangue.

O coronel Lourenço Alves Feitosa, membro proeminente da família Feitosa, representava com seu irmão, Pe. Máximo Feitosa, a região dos Inhamuns, na Assembléia Estadual, com marcante influência política, "ouvido e cheirado", no que dizia respeito aos altos destinos do Ceará. Na Assembléia, se constituira obstáculo forte às pretensões menos justas do Dr. Floro Bartolomeu, o Condestável do Juazeiro, que, ensoberbecido pelos feitos de suas tropas irregulares, responsáveis pela deposição do Cel. Franco Rabelo, pretendeu impor duras condições aos companheiros de partido.

Cobrando caro os seus préstimos, ao Dr. Floro magoára profundamente a atitude desassombrada do Cel. Lourenço, opondo tenaz resistência às descabidas ambições de mando, atitude que fêz nascer na alma infernal do prestigioso baiano, uma idéia sinistra, Vivo Lourenço, estava prejudicada a excessiva pretensão do representante de Juàzeiro. Uma solução lhe ocorreu, e esta se configurava no extermínio do político dos Inhamuns.

Senhor da zona sul do Estado, infestada de bandoleiros de todos os Estados do Nordeste, que acorreram pressurosos ao chamamento de "Meu Padrinho", para a degringolada do ano anterior, não era difícil a Floro a execução de seu plano. A tática do caudilho era excepcional. Por isto, escolheu um cabra adestrado em armas e profundo conhecedor do Tauá e de seus homens.

Nessa época Vicente Silvino serviu às suas ordens, e ninguem melhor que ele para a empresa. Antes estivera sob a proteção de Lourenço que era padrinho de um de seus filhos. Fácil seria, sem grandes perigos de lutas, a penetração sutil até chegar a Lourenço numa surpresa terrível. Tudo traçado em caminho à execução.

A alma daninha do homem de cangaço às vezes engana suas próprias discreções. E, assim, Silvino, quando penetrou no Tauá, marchando para a casa do Cel. Lourenço, que ficava na parte extrema, lado norte, fêz disparos na rua, amedrontando o povo, e, em consequência, denunciando sua disposição agressiva. Era mister a urdidura de novo plano já que ninguém mais naquele instante podia acreditar que Vicente Silvino ali não estivesse para o ataque.

E o cangaceiro concebeu, à sua maneira, a armadilha, que seria das melhores, se pudesse, também, conseguir fazer crer, que, prendendo um dos homens mais respeitáveis e estimados da terra, acorressem os outros, sobretudo Lourenço, de mãos abanando e peito a descoberto, para libertá-lo.

Escolheu o fazendeiro Mariano Marques (avô do Dep. Joel Marques), homem de idade provecta e queridíssimo de todos, e para sua casa marchou, não chegando a nela penetrar pela ação decisiva de um seu irmão, destemeroso e bravo que, residindo em casa do lado poente da rua, com uma WINCHESTER nas mãos, lançou-se em socorro do agredido, sem as devidas cautelas, o que valeu ao cangaceiro um tiro certeiro, espetacularmente disparado..

Silvino mediu a distância das duas faces da rua, calculou o avanço do adversário e, com sangue frio, postou o joêlho no chão, em posição militar, acionou o gatilho e sorriu com a queda. Era Ernesto Serra (avô do promotor desta Capital, de igual nome), que deixava de existir, sucumbindo à fúria facínora dos bandidos, quando, com alma varonil e destemor invulgar, que o imortaliza na lembrança de seus conterrâneos, buscava salvar a vida de seu irmão. Ernesto Serra estava com um rifle na mão, mas agarrado por umas mulheres que não o deixavam marchar contra os cangaceiros ,e enquanto ele estava detido pelas mulheres, Vicente Silvino teve um ponto fixo para a sua pontaria.

A morte de Ernesto deixou a descoberta as intenções de Vicente Silvino, e o Cel. Lourenço, com a argúcia dos velhos políticos, desconfiou que aquilo poderia trazer outro endereço. Sabia de onde vinha seu compadre, e sabia também do que era capaz o Soba de Juàzeiro. Por isto, não afastou o pé de casa e, como natural medida de defesa, além de amigos que para junto dele acorreram, chamou alguns rapazes de sua confiança, como Vicente amantes do gatilho.

E o padre Máximo Feitosa, possuído de justa revolta, e confiado na sua autoridade eclesiástica, vem ao patamar da Igreja, a poucos passos da casa de Lourenço, onde nesse momento já se encontrava Vicente, e, com energia, reprova-lhe o procedimento criminoso, e com invulgar decisão determina o seu imediato abandono da vila, dizendo não o prender por escassez de elementos policiais, no momento.

Um fato, nesse instante, merece ser relatado porque assinala a probidade do Cel. Lourenço. Dissemos antes, que o Pe. Máximo conversou com Vicente Silvino no patamar da Igreja, fronteiro à sua casa. O padre já transpusera a porta e os cangaceiros se aprestavam para a retirada, quando Zé de Maria, dormindo na pontaria, pediu licença para abrir fogo.

Seria a liquidação certa de Vicente e o destroçamento do bando. Tiros certeiros dariam conta dos principais. Os demais não resistiriam, mesmo porque desconheciam o número de combatentes entrincheirados. O Cel. Lourenço proibiu aos seus homens o disparo de armas. Deixou o seu compadre sair ileso, para não vê-lo tombar numa tocáia. No retorno, o Pe. Feitosa disse que havia rezado uma **missa de corpo presente** ao Vicente Silvino, querendo dizer que havia conversado seriamente com ele, porém o povo ficou repetindo que ele havia rezado, realmente, e com o propósito de acarretar-lhe a morte, com o sentido, pois, de destruir a serpente que se desenroscava fazendo vítimas inocentes. Diz-se que se um Padre rezar uma missa de corpo presente na intenção de uma pessoa viva ela morrerá. Diz-se que Joaquim Citó Feitosa, vindo do "Descanso" para o "Arraial", teria visto Vicente Silvino na **Pedra do Poste**, entre "Arraial" e a "Barra", perto daquele. Ao depois, quando o Tenente Dourado passou no "Arraial", as horas da morte de Vicente Silvino foram exatamente no dia e hora de seu aparecimento a Joaquim Citó. O Pe. Feitosa trouxe Vicente Silvino da casa de Mariano e o convenceu no patamar da Igreja.

José Maria não matou Vicente Silvino por que o Coronel Lourenço não o deixou, esclarecendo que se tal ocorresse um dos quatro ou cinco cangaceiros que o acompanhavam, mataria, por certo o Padre. Não obstante a infalibilidade da empreita assegurada por Zé Maria, o Coronel não o permitiu sob o argumento bastante válido.

Frustrada a missão, Vicente aproveitou sua incursão pelos Inhamuns, para uma visita de rapinagem às casas que sabia armazenarem riquezas. Uma alegria satânica possuiu a sua vontade — OURO, PRATA, JÓIAS, e que jóias, peças de mais fino lavor, estavam agora no seu itinerário. Pela pacatez dos proprietários, seus velhos conhecidos, duas casas foram os marcos do assalto. "PASSAGENS", do Ten. Marcolino Cavalcante, no rio das Favelas, e "LOGRADOURO", nas encostas da serra da Joaninha, já no município de Independência, do Major Egídio Soares (avô do Dr. Antônio Soares, secretário do Tribunal de Justiça), casas que a tradição assinalava pela opulência, e que Vicente estudara, tijolo por tijolo, nos tempos de comprador de gado para o açougue de Tauá.

De Tauá, seguindo para o norte, foi ter ao LOGRADOURO, onde colheu o Major Egídio, na sua simplicidade de grande fazendeiro no Piauí e no Ceará, desprevenido de homens e de armas, mas com as arcas abarrotadas de ouro e prata. Diz-se que não havia jóia, porque o Major, consigo, tinha o dinheiro, ficando aquelas peças, com a família no Piauí.

Assaltado o Logradouro, era a vez de Passagens. Para lá seguiu

o bando na certeza de uma locupletação dos objetos ambicionados. Seriam 5 horas da manhã e, ainda na casa o movimento era pequeno, e a Vicente não chamou a atenção êste fato, em casa que conhecia como madrugadora nas lidas da fazenda.

O Ten. Marcolino, que enviuvara nos últimos anos do século passado, estava à morte, e, cedendo aos rogos de uma filha muito estimada, consentiu em ser transportado para sua casa, na fazenda S. Martinho, a três quilômetros de Passagens. Ali, era grande a "sentinela", e, portanto, perigoso um assalto.

Não se sabe se o Ten. Marcolino levou o seu tão falado ouro ou se o mesmo fora ter em casa de algum outro filho. O certo é que Vicente arrombou as portas, quebrou baús de pregaria, revirou papéis e nada encontrou. Na casa estava um genro do Ten. Marcolino, o Ten. João Berto da Mota, tio do nosso saudoso Leota, Leonardo Leota, que, no momento, conversava com dois amigos fazendeiros no Marruás, enquanto saía um cafezinho.

Eram eles José Conserva, que fazia na zona às vezes de médico e muito consultado, e Joaquim de Sousa, os dois de barbaças respeitadas e botas prussianas. Silvino levou João Berto com dois filhos menores, para uma alcova revistada, onde os conservou trancados e, aos dois eventuais visitantes mandou que ao comprido da calçada passeassem escoltados por dois cabras de armas em punho.

Revistada a casa, nada encontrado, também não destroçaram nada e nem maltrataram as pessoas presentes. A porta da alcova se abriu, os respeitáveis coronéis descansaram dos passeios contínuos, e a cabroeira se fêz no caminho da Várzea da Serra.

A Várzea da Serra era a Fazenda de Olímpio Cavalcante, filho de Marcolino, e de quem se dizia merecer as preferências. Vicente sabia disto. Ali muitas vezes, passara semanas. Dali retirou muito gado, com dinheiro ou sem ele. Uma grande afeição nasceu entre o fazendeiro manso de voz, e terrível nas catingas, quando perseguia um boi bravo, e o marchante com ares de cangaceiro, mas ainda sem a agressividade assassina de que se revestia quando necessário.

Ainda não chegava a hora do almoço matutino (no sertão daqueles tempos, se faziam três refeições fortes, no dia sendo: almoço às 9 hs., jantar 15,30hs. e ceia às 18 hs.) e, por uma sorte incrivel, um pretinho da casa dos moradores, que correu de Passagens para avisar em S. Martinho e dali foi mandado até Várzea da Serra, prevenir a Olímpio de que o Sr. Vicente, com homens armados, andava remexendo em tudo na casa da fazenda (era assim que se chamava mesmo, em outras fazendas, a casa principal de grupo de famílias). As mulheres, apesar da terrível notícia conservaram-se serenas e, como no momento, de homem em casa, se encontrava

apenas Olímpio, tanto insistiram que ele procurou esconderijo na manga de seu primo Alipio Cavalcante, do Isidoro, a poucos quilometros dali. Não fazia quinze minutos que Olimpio saira, o bando chegava a Várzea da Serra e, a uma ordem de Vicente, que se postou na porta de frente, os cabras entraram para revistar a casa e encontrar o que lhes escapou em Passagens.

*

Bole aqui, revira um baú ali, abre uma mala de couro acolá, um dos cangaceiros deparou uma linda cartucheira, feita com capricho carinhoso de artífice amante do cangaço.

Antes de continuar a busca, veio sorrindo ao chefe mostrar que naquela casa tinha arma. Dona Semirames, espôsa de Olímpio com muita calma falou depois de quase meia hora de silêncio. Falou e disse: "essa cartucheira foi Vicente Silvino que deu a Olimpio e foi feita com capricho por seu irmão Miguel Silvino".

O bandido teve um momento de reflexão. Baixou a cabeça e lembrou-se da hospitalidade que era ali dispensada. Lembrou-se dos obséquios que devia ao dono da casa, lembrou-se da afabilidade com que as senhoras lhe tratavam como gente da intimidade e em um instante abandonou a brutalidade dos instintos para ouvir as razões do coração. Chamou os cabras, determinou que em nada bulissem, se desculpou das senhoras e ganhou os sertões.

*

Os irmãos Vicente Silvino, José e Miguel, trabalhavam os dois primeiros na agricultura e, o último, como **miçangueiro**, adquirindo essas mercadorias em Juàzeiro e revendendo-as nos Inhamuns.

Diz-se que Vicente era muito andador, pois que viajava a pés do Rio do Jucás, para o Cococá e Barra do Puiú, pelos matos, no roteiro (no rumo), passando pelos serrotes dos Angicos, do Brás da Estacada, Poço da Pedra, com braçadas de mocós, que matava nas pedreiras. O Major de Deus dizia que, pelos matos, Vicente conhecia mais os Inhamuns do que os seus naturais.

Eram pernambucanos e vieram pedir a proteção do Cel. Leandro da Barra, dizendo-se irmãos do famoso bandoleiro Antônio Silvino. Devido ao parentesco, não podiam ficar em Pernambuco, sem serem perseguidos, parecendo que Vicente e José tinham crimes, o mesmo não parecendo ao respeito a Miguel.

O Cel. Leandro da Barra (Leandro Custódio de Oliveira e Castro) aceitou-os, mas com a condição de ficarem trabalhando, abandonando qualquer idéia de cangaço.

Tempos depois, numa festa da padroeira de Flores (hoje, Iapi), Miguel Silvino bebia juntamente com Praxedes Everdosa (dos chamados **Chapéus Grandes,** de Barbalha), célebre na matança de criança, que pertencera ao Grupo de Antônio Silvino, e vivia sob a proteção de Joaquim Citó Feitosa, da fazenda "Descanso", no Município de Tauá.

Por causa desse encontro de velhos amigos, e porque havia desafeição entre Joaquim Citó e Casusa da Juaninha, não faltaram fuxicos a este, intrigando-o e o amedrontando, para que fosse embora para sua fazenda, pois que, pelo que se via, Joaquim Citó teria mandado os dois matarem-no.

Mas Casusa ficou acovardado a ponto de não poder sair da Vila para a sua fazenda, com medo de ser morto no arruado.

Diante dessa covardia enorme, que chegou ao ponto de nem sequer fornecer uma arma a Maximiano Damasceno, irmão de João Damasceno (baixo e grosso), pagem do Cel. Leandro da Barra, de todos os seus chamados, inclusive de botar a mesa dos brancos e dos negros, Maximiano tomou uma resolução: apagou uma faca e foi à bodega onde os parceiros bebiam. Em lá chegando, indagou:

— Quem é o seu Praxede.

— Sou eu — identificou-se o procurado. Ato contínuo, produziu profunda facada no pé da virilha de Praxedes, que o prostou com um punhal na mão.

— Mas o que é isto? — indagou Miguel Silvino.

— É faca meu branco — respondeu Maximiano Damasceno, que, de igual modo, desferiu sua faca contra Miguel Silvino, ferindo-o, mas sem gravidade, ao mesmo tempo que o Maximiano pulou fora do estabelecimento. Mas foi infeliz pois que Miguel Silvino, sacando do seu revólver, o atingiu na cabeça, prostando-o sem vida.

Diz-se que Silvino era bom atirador, e trabalhava bem em cartucheira, tendo existido uma na Barra do Puiú feita por ele em suas passagens, onde era rancho dele em suas viagens, que era um primor de confecção.

Após o crime, passando na Barra do Puiú, disse ele:

— É uma raça infeliz esta minha, pois que fui o único Silvino, que nunca praticou crime, e vi-me agora obrigado a praticar um. Aliás, se Maximiano Damasceno não me tivesse furado, eu não o teria morto. — Disse ele ao Major Pedro de Deus Alves Feitosa. Depois, ele veio a Tauá e respondeu júri.

Na vila de Tauá, refeita do susto, passou-se a pensar em dar buscas aos cangaceiros. Como fazê-la, senão usando também de cangaceiros, embora menos perigosos porque já de tempos afastados dos bandos? Era mister fazer uma tropa, embora irregular, mas armada pelos poderes constituídos do Município.

Zé Maria não acompanhou os heróicos civis que sairam no encalço de Vicente Silvino, tendo ficado guarnecendo a casa do Cel. Lourenço, contra uma possível cilada de Vicente Silvino, e como garantia, pois que ambos se conheciam.

Do mesmo modo, Esmerino do Cococá não se retirou desta Fazenda, pois que havia ficado para a proteger, não só de Vicente Silvino, como de qualquer outro ataque, visto que seu Feitosa estava em Tauá, onde passou a seca de 1915, quando ocorreu o fato.

Na perseguição de Vicente Silvino, saíram na direção de Vertentes, como chefe, Nonô (Epaminondas Feitosa Ferro, da Cacimba Velha), seu irmão Bimbim (Salústio Feitosa Ferro, praticou até um crime, e irmãos do Mons. Francisco de Assis Feitosa), Zezinho, do Cantinho (José Custódio Bizarria), Jucá do Riacho (João Batista de Castro Jucá, Riacho de Seu Chiquinho Casé, o mesmo Riacho dos Cavalos), Vicente do Canindé, e muitos agregados, de maneira que, quando este foi morto, eles se achavam na Vila de Vertentes.

Outro grupo, formado por Cipriano Alves Feitosa, da Fazenda Nova, e Antonio Jácome de Araújo Chaves (Colô), residente no "Balseiro", da Barra do Puiú para uma légua, no Jaguaribe, e seu pessoal, sendo Cipriano conhecido pelo gosto que tinha por esses movimentos.

Eles tiveram um encontro, este segundo grupo, entre Aguilhadas e Fazenda Nova, num caminhozinho que vem dos "Barreiros", residência de Cipriano, o qual passa por fora da Fazenda Nova, e na junção dos caminhos (o que vem dos Barreiros e o da Fazenda Nova), onde há a Lagoa das Aguilhadas e um serrote bem perto, por trás dos quais Vicente se encontrava com o seu pessoal, sendo tomado de surpresa por Cipriano e seu pessoal, não dando tempo a que tomassem seus animais, saindo a pés para a Serra da Moça Branca (e não serra da Moça Branca), perto de São Domingos, Distrito de Campos Sales.

Lá na Serra da Moça Branca, ficou Vicente Silvino homiziado num serrote, onde seu coiteiro ia deixar-lhe comida. Tratava-se de Gonçalinho (Gonçalo Arraes), que, anoso, morava na beira do Rio Conceição, afluente direito do Jaguaribe. Em sua ida, Vicente Silvino partiu de Juazeiro, passou por Assaré, Antonina e arranchou-se na casa do velho, a quem mandou milhar e dar água a seus cavalos. Logo que o bando partiu, Gonçalinho pegou as trouxas e mandou-se para a Serra da Moça Branca, dizendo que beira de estrada não era lugar para ninguém morar. O destino marcou-lhe novo encontro com Vicente Silvino.

Certo dia, o velho apareceu em São Domingos com uma cédula de 500 mil réis, o que suspeitou a muitos, pois o velho não tinha

condições de possuir tal importância, e muito menos na seca de 1915. Isto fez com que o Tenente Dourado fosse, sem que soubesse o velho, dormir em sua casa. Chegados e arranchados, o Tenente apertou o velho e ele, afinal descobriu.

O Tenente Dourado, um sargento e um soldado, bons no gatilho, e para não fazer muito barulho, subiram a serra como gatos selvagens, pisando de mansinho, suportando ferroadas de abelhas, etc., confundindo-se com os troncos de cada árvore. Gonçalinho seguiu na frente, porque o ritual de suas visitas mandava que ao chegar na umburana aplicasse a senha, três pancadas. Com os soldados a senha era outra, entregar a refeição e se desculpar pelo esquecimento do cobertor e que voltaria imediatamente para o apanhar.

As cousas sairam como planejou o Tenente. Chegados à árvore, o velhinho viu chegar Vicente muito espantado, perguntando-lhe se não havia novidades porque o seu coração palpitava mal agouro — "Cuidado meu velho, nos perseguem". Quando soube que o cobertor havia ficado, não quis que o velho voltasse para ir buscá-lo. Mais uma noite de "cruviana", não fazia mal.

O velho, entretanto, se obstinou a voltar pelo cobertor, e quando já andava numa distância fora do alcance de Vicente, ao emparelhar-se com os policiais, uma saraivada de balas prostrou o bandido, que, agônico, ainda pedia garantias. Rogativa desnecessária. O Tenente Dourado conheceu-lhe o estado. Não precisava mais garantir-lhe a vida, pois poucos minutos lhe restavam. As convulsões marcavam o fim do matador de Ernesto Serra.

Nada foi possível dizer-se do produto do saque da Fazenda "Logradouro". Qual o seu destino? Ninguém sabe. Teriam conduzido os capangas? Isto não é admissível, porque o chefe era o guardião do tesouro. Possível, isto sim, que alguma anfratuosidade da Serra da Moça Branca tenha bem guardado o ouro e a prata do Major Egídio...